#### FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

135

INSCRIÇÕES 562-564



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA | SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

#### Instituto de Arqueologia

Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Palácio de Sub-Ripas

P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



### UMA ARA VOTIVA EM ALPALHÃO (Conventus Pacensis)

a identificada, em Junho de 20

Ara votiva romana identificada, em Junho de 2009, por José Caldeira Martins, médico veterinário municipal de Marvão mas natural de Alpalhão, que coroa uma fonte velhinha e de mui vetusta e singular arquitectura existente no início do chamado 'caminho velho para Nisa', em Alpalhão, povoação e freguesia deste concelho de Nisa, sito no Alto Alentejo, território do *conventus Pacensis* (Fig. 1).

De granito local, está embutida no topo da cobertura, de modo que não ficou à vista a base, cuja molduração deverá ser a inversa da do capitel, a qual segue as linhas clássicas de monumentos idênticos dos primórdios do século I da nossa era. Apresenta faixa saliente, onde assenta um bloco de forma ovalada ou, se se preferir, do tipo calote alongada — dir-se-ia desajeitado conjunto inacabado de pretensos toros a delimitar um fóculo central...—, que tem na parte superior, não esse esperado fóculo, mas um pequeno buraco ao centro, cuja função desconhecemos (Fig. 2).<sup>1</sup>

Sob a faixa, bocel directo alongado seguido de filete directo (Fig. 3). A fase posterior não tem molduração, certamente porque se destinava a não ser vista, estando encostada, por exemplo, a uma parede.

Apresenta-se desenho, onde vêm indicadas as medidas tomadas (Fig. 4).

No topo existe uma peça em ferro que poderá ser o remanescente de alguma aplicação decorativa aí colocada quando a ara terá sido reutilizada na fonte...

Lemos:

As tentativas de iluminação de diversos ângulos – nocturnas, porque à luz do dia nada se enxerga... – não colheram resultado melhor do que ora se apresenta (Fig. 5 e 6).

Assim, na l. 1, o A afigura-se-nos evidente, com barra horizontal a meio. Da letra seguinte vê-se bem a haste vertical e o arranque curvo do que podemos presumir ser um R. O E distingue-se com facilidade; o N apresenta-se de hastes paralelas e ligeiramente inclinadas para diante. De seguida, um sulco vertical parece-nos ter no vértice superior a barra do T, ainda que a superfície granítica esteja aí bastante esboroada. Não identificamos traços de mais letras no final dessa l. 1 e também se nos afigura ilusório, devido ao extremo desgaste do campo epigráfico, apontar qualquer letra nas (eventuais) duas linhas seguintes; contudo, quase junto à base afigura-se-nos apercebermonos de um S esguio e lançado obliquamente para diante.

Por conseguinte, com base no pouco que, por ora, se logrou ver, somos tentados a incluir esta epígrafe no número das aras votivas dedicadas à divindade indígena *Arentius*, sendo o S final interpretável como a sigla de S(*olvit*) da fórmula votiva.

As linhas ilegíveis conteriam a identificação do dedicante. Também é tentador pensar que se trate de um indígena, com nome único e patronímico, e que não há espaço para o teónimo vir aqui acompanhado de um epíteto locativo.

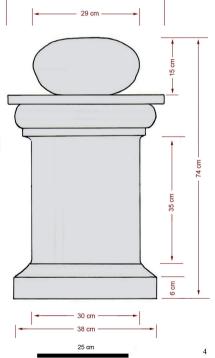
Temos incluído *Arentius/Arentia* no grupo das divindades hispânicas protectoras de locais ou de entidades.<sup>2</sup>

JORGE OLIVEIRA JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Há muita bibliografia a dar conta dos testemunhos que periodicamente se têm encontrado. Permita-se-nos que apenas indiquemos uma das mais recentes sínteses publicadas, onde se refere a quase totalidade dessa bibliografia: ENCARNAÇÃO (José d'), *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo*), 2ª edição, revista e aumentada, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015, p. 97-108 e 385-386. A obra está inteiramente acessível no endereço: <a href="http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub">http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub online/pdfs online/1975 Divindades</a>

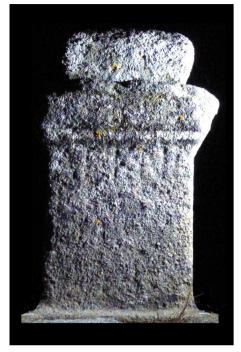






562

Ficheiro Epigráfico, 135 [2016]





562

### LA ESTELA DE LA IGLESIA DE SANTA MARÍA LA MAYOR

(TRUJILLO – CÁCERES)

(Conventus Emeritensis)

Trujillo – la antigua *Turgalium* lusitana – cuenta con un abundante conjunto epigráfico que ha sido catalogado recientemente.¹ Sin embargo, siguen apareciendo con parsimonia nuevos monumentos, mucho de ellos insertos desde hace siglos en las construcciones entorno al castillo y sus aledaños, que otrora fue también el solar del *oppidum* hispano-romano. Recorriendo sus calles y visitando palacios, casas y conventos, no es difícil dar con nuevos epígrafes, como sucede con el que se encuentra sirviendo de alféizar en una ventana situada a unos tres metros del suelo, en el exterior de la pared oriental la iglesia de Santa María la Mayor; aunque la fabrica del templo se levantó entre los siglos XIII y XVI, la dependencia a la que aludimos es un añadido del s. XVIII, destinado a servir de camarín de la Virgen.

La pieza que presentamos corresponde a la parte inferior de una gran estela de granito gris terroso de grano fino, quizá de origen local. Tiene forma rectangular y está rota por la parte superior y por el lateral derecho, seguramente para adaptarla a su actual función constructiva. Sus dimensiones aproximadas son c. (110) x (40) x (24). La mutilación afecta al texto, de tal modo que solo se conservan las tres líneas finales y de la primera de ellas

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> J. ESTEBAN ORTEGA (2012): Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres. Vol 2: Turgalium, Cáceres.

faltan los extremos superiores de las letras, que son capitales muy esbeltas, con *ductus* regular, bien marcadas, sin biselar y de unos 5 cm en las dos primeras líneas y 7 en la tercera. Hay sendos puntos separando las dos partes de las fórmulas sepulcral y dedicatoria y también lo que aparenta ser una *hedera* en el renglón segundo.

Debido a que están pintados, la mayor parte de los caracteres se leen con facilidad, pero donde la erosión superficial ha borrado el pigmento, las letras se aprecian tenuemente y la situación de la piedra en altura impide el examen cercano. De ahí que lo que se lee en ella deje sitio para la duda.

El que palabras y fórmulas se arrastren de un renglón a otro y la V inclusa en el ángulo de la L son indicios de una deficiente paginación y ello resta certeza a la posibilidad de que las siglas finales estuvieran bien centradas, haciendo incierto que se pueda conocer la anchura de lo perdido por la derecha.

El contenido de la primera y tercera líneas deja claro que se trata de un monumento funerario y otro epitafio trujillano – el de *Primigenius*, dedicado por sus *sorores et Calliope* (seguramente la esposa) – ofrece estrechas similitudes con el que nos ocupa en talla, dimensiones, tipo de letras y formulario son similares al que nos ocupa, además de ofrecer una pista sobre su procedencia: la vecina necrópolis de Aldehuela de Mordazo.<sup>2</sup>

La *crux* del texto está obviamente en el segundo renglón, cuyo tercer elemento es de ambigua interpretación; se trata de un rasgo ondulado que puede pasar por una S y que resulta especialmente adecuado leyéndolo en conjunción con las dos letras previas y con la secuencia que le sigue, [- - -]/ris] fil(i)us.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Op. cit. cat. n. 737 = HEpOl 20238. Sobre esa necrópolis, vid. C. Callejo Serrano (1975), *Las inscripciones turgalenses de Aldehuela de Mordazo*, en V Coloquios históricos de Extremadura, Trujillo (http://www.chdetrujillo.com/?p=155, consultado 15-01-2016).

Sin embargo, viendo la línea con detalle, el trazo en duda guarda poca similitud con las dos S del renglón anterior y tampoco parece lógico agruparlo con las dos letras que le anteceden porque su distancia a la última de ellas es mayor de la debida. Además, la conveniencia de una terminación de genitivo desaparece porque leer *filius* a continuación obliga a suponer un error del cantero o un nexo – IL –, que no es aparente en las fotografías.

Estos motivos nos llevan a proponer la siguiente restitución:

---- / [---H(ic)] / s(itus) e(st) ·  $s(it\ t(ibi)\ t(erra)\ [l(evis)\ mat]$ /ri (hedera) Filu[s  $d(e)\ s(uo)$ ] /  $f(aciendum)\ c(uravit)$ .

Filus es la forma vulgar<sup>3</sup> de *Philus*, que fue el *cognomen* privativo de una rama de la antigua y patricia *gens Furia*, cuyos miembros ocuparon puestos de distinción en Roma a fines del s. III y durante el siglo siguiente; pero los portadores de ese nombre atestiguados epigraficamente parecen haber sido en su mayor parte de condición libertina o servil.<sup>4</sup>

La relación del difunto con el dedicante es meramente hipotética y *pater* pude sustituirse con parecidos efectos por *mater* o *uxor* o, incluso, *soror/frater*.

A tenor del formulario, el epitafio puede atribuirse al s. II d. C.

Julio Esteban Ortega Joaquín L. Gómez-Pantoja Francisco Pérez Solís

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Vid. A. SILVAGNI Y A. FERRUA (1922-1992), *Inscriptiones Christianae urbis Romae septimo saeculo antiquiores*. Nova series, Roma, cat. n. 16399; P. Kovács et al. (2009-2011), Tituli Aquincenses, Budapest, cat. n. 184.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Vid. CIL VI, 17 035 y 22 093; XIII, 2518; Z. B. Ben Abdalah (2013), Mourir à Ammaedara. Épitaphes latines païennes inédites d'Ammaedara (Haïdra) et de sa région, Ortacesus, cat. n. 151.





563

# NOVA INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DE CASTRO DE AVELÃS (Ciuitas Zoelarum, conuentus Asturum, Hispania Citerior)

Estela de cabeceira semicircular, de dimensão contida. incompleta ([40]x24.5x9), elaborada sobre talco. A sua estrutura tipológica apresenta-se constituída por dois campos rebaixados, delimitados pelo rebordo da face anterior do suporte. O superior (22,5x16,5), de configuração semicircular alongada, correspondendo à cabeceira, contém a inscrição. O que lhe subjaz ([5,5] x 15,5) terá tido formato quadrilateral, mas encontra-se incompleto, conservando-se apenas uma fracção da sua parte superior. A aresta da face posterior é biselada, como se observa nos trocos conservados. O rebordo perimetral da face anterior encontra-se bastante danificado na metade esquerda da peça e é interrompido, por fractura, na oposta, junto ao canto inferior do campo epigrafado, sendo deste lado também acometido por microfissuração. A superficie da face posterior apresenta-se bastante escoriada. Apesar de o suporte ter sido objecto de acabamento em todas as faces, nomeadamente através de alisamento, o resultado afigura-se pouco cuidado em face das possibilidades garantidas pela ductilidade do material.

A sua descoberta ocorreu em Dezembro de 2006, na intervenção arqueológica levada a cabo nas ruínas do mosteiro beneditino de Castro de Avelãs (Bragança), datável do século XII (ou ainda do XI)¹ e

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> É vasta a bibliografia sobre o mosteiro beneditino de Castro de Avelãs, pelo que se apresentam apenas alguns títulos principais: Carlos Prada de OLIVEIRA, O Mosteiro Beneditino de São Salvador de Castro de Avelãs no povoamento da região bragançana, *Brigantia* 11:1-2, 1991, pp. 33-46; Ana Maria Afonso, O mosteiro de São Salvador de Castro de Avelãs: um património monástico no dealbar da Idade Moderna (1500-1538), Cascais, Patrimónia, 2002; Paulo

situado em plena aldeia. Os trabalhos foram promovidos pelo IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico) e realizados por uma equipa da empresa Arqueologia e Património<sup>2</sup>. Para além da identificação do transepto da primitiva igreja medieval de três naves, a intervenção arqueológica revelou a configuração do claustro, bem como parte das alas e dependências do mosteiro.

A epígrafe foi encontrada na galeria do lado nascente do claustro, no espaço de circulação que articulava a porta lateral sul do templo medieval com a ala da Sala do Capítulo. Encontrava-se disposta na vertical, reutilizada, aparentemente, na delimitação entre espaços individuais de enterramentos que ocupariam a referida galeria do claustro. A unidade estratigráfica em que foi registada (UE 135) corresponde a um depósito genericamente atribuível à Baixa Idade Média, numa clara relação de posterioridade com as edificações monásticas do século XIII.

Refira-se não ser inédita a situação de reaproveitamento de materiais romanos nas estruturas medievais do mosteiro, podendo citar-se outras epígrafes cuja identificação com elas se relaciona<sup>3</sup> e, inclusive, uma que continua em reaproveitamento na torre<sup>4</sup>.

Actualmente, a epígrafe conserva-se no interior da igreja paroquial<sup>5</sup>.

#### CLOVTI DÖÇI MONVM(entum)

Monumento de Clúcio, de Dócio.

Almeida Fernandes, Castro de Avelãs: o estranho caso de uma igreja de tijolo, *Revista Monumentos* 32, 2011, pp. 84-95.

O estudo arqueológico realizado entre 2006 e 2008 teve coordenação técnico-científica de Ricardo Teixeira em co-direcção de campo com Helena Marçal. Contemplou a realização de um programa prévio de prospecção geofísica, de sondagens arqueológicas de avaliação e de escavação em área de parte do claustro e da ala nascente do mosteiro, tendo incluído o posterior tratamento e musealização das ruínas.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> ERRB 3 (ruínas do mosteiro), 14 (igreja), 31 (igreja), 60 (residência paroquial) e 138 (torre sineira). Embora de forma hipotética, a mesma origem é, ainda, admissível para ERRB 1, 114 e 122. ERRB = Armando Redentor, Epigrafia Romana da Região de Bragança, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia/ Ministério da Cultura, 2002 (Trabalhos de Arqueologia; 24).

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> ERRB 87.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> A peça encontra-se registada com o código de inventário MCA 06 135.001.

Altura das letras: 1. 1: 2,5/3 (O = 2,1); 1. 2: 2,5/2,9 (I = 3,5); 1. 3: 1,9/2.2. Margens (sup. e inf.): 5/6;4/5,1. Espaços: 1:1,5/1,7; 2: 1/2,7.

O texto gravado no campo superior aparece disposto em três linhas ligeiramente descendentes, indiciando não ter havido um prévio trabalho de paginação, algo que pode dever-se ao facto de a ductilidade do suporte se proporcionar para um trabalho menos técnico. Cada uma das palavras ocupa uma das linhas, surgindo abreviada a da última. A primeira deste trio alinha-se totalmente à esquerda e as seguintes progressivamente mais para a direita, a ponto de a terceira se percepcionar com alinhamento oposto à inicial. Os caracteres, de módulo miúdo, poucos regulares, correspondem a capitais comuns. Os OO são praticamente circulares, aproximandose do seu desenho a semicircularidade da pança do D, ao passo que as extremidades dos CC excedem tenuemente essa medida: as hastes do I e do T são ligeiramente sobredimensionadas em relação à altura das restantes letras, apresentando este último barra levemente côncava, que se une à extremidade da haste direita do V que a precede. Na terceira linha, o M caracteriza-se pela inclinação das hastes extremas, em claro contraponto com a verticalidade da haste esquerda do N. que se distingue da direita, de clara inclinação para a frente, reduzindo o espaço sobejante da linha para o qual se optou por um apertado nexo VM. A gravação é pouco firme e aparece mais vincada nas duas primeiras linhas, mas o sulco de gravação, redondo, estreito e pouco profundo, é suficiente para denotar o desenho dos caracteres, ao passo que na terceira linha ele é praticamente filiforme.

Não é seguro que a parte superior do segundo campo tenha sido epigrafada, apesar de nela, com dificuldade, se discernirem ténues indícios que, cabalmente, não é possível confirmar terem correspondência com caracteres.

O conteúdo textual é bastante simples, afirmando estar-se em presença de monumento funerário de um indígena de estatuto peregrino: *Cloutius Doci*. Tanto o idiónimo do defunto como o seu patronímico são antropónimos indígenas e com forte presença em território zoela, tendo ambos, inclusive, presença na primeira parte do afamado Pacto de Astorga<sup>6</sup>. O nome *Docius* tem sido considerado

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> CIL II 2633. CIL II = Emil Hübner, Inscriptiones Hispaniae Latinae, Berolini, Georgium Reimerum, 1869 (Corpus Inscriptionum Latinarum; 2) e Inscrip-

representante típico da área ásture<sup>7</sup>, com forte presença na área zoela, em epígrafes de Sanceriz<sup>8</sup>, Alfaião<sup>9</sup>, Coelhoso<sup>10</sup> e, já em território zamorano, Villalcampo<sup>11</sup>. A forma feminina marca também presença, em Donai<sup>12</sup> e em Aldeia Nova<sup>13</sup>. Há, ainda, testemunhos em áreas com proximidade ao Douro, como em Cabeça Boa<sup>14</sup> e em Villardiegua de la Ribera<sup>15</sup>, respectivamente no Sul transmontano e na área de Sayago.

Quanto ao nome *Cloutius*, é também evidente uma forte presença na área ásture meridional e no Nordeste lusitano, com alguma extensão à área calaica<sup>16</sup>. Na região bragançana, encontra-se atestado em Sacoias<sup>17</sup>, Vila Nova<sup>18</sup>, Grijó de Parada<sup>19</sup> e, mais a sul, em Pinhovelo<sup>20</sup>, mas marca também presença na região mirandesa, em

tiones Hispaniae Latinae. Supplementum, Berolini, Georgium Reimerum, 1892 (Corpus Inscriptionum Latinarum; 2).

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Jurgen Untermann, *Elementos de un atlas antroponímico de la Hispania antigua*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Español de Prehistoria [etc.], 1965 (Bibliotheca praehistorica Hispana; 7), pp. 21 e 104-105, mapa 37; José María Vallejo Ruiz, *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*, Vitoria-Gasteiz, Servicio editorial, Universidad del País Vasco, 2005 (Anejos de *Veleja*, Series minor; 23), pp. 300-303.

<sup>8</sup> ERRB 49.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> ERRB 67.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> ERRB 50.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Sonia María García Martínez, *La romanización de los* Conuentus Asturum, Bracaraugustanus *y* Lucensis: *su estúdio epigráfico*, León, [s. n.], 1996 [Tese de Doutoramento - cd-rom], p. 1498, n.º 153.

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> ERRB 47.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> AE 1987, 589.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Justino Mendes de Almeida, Varia epigráfica, *Revista de Guimarães* 76:3-4, 1966, p. 344.

<sup>15</sup> César Morán Bardón, Vestigios romanos y visigodos, Archivo Español de Arqueología 17, 1944, p. 246, n.º 14.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> José María Vallejo, op. cit., p. 283.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> ERRB 25.

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> ERRB 70.

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> ERRB 44 e 91.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> ERRB 88.

Atenor<sup>21</sup>, e zamorana ocidental, em Rábano de Aliste<sup>22</sup>, Rabanales<sup>23</sup>, Castillo de Alba<sup>24</sup>, Villalcampo<sup>25</sup>, e, a sul do Douro, em Villardiegua de la Ribera<sup>26</sup>.

O esquema tipológico da estela<sup>27</sup>, a simplicidade do epitáfio, com utilização do genitivo na indicação do nome do defunto, o estatuto jurídico deste e a paleografia permitem admitir uma datação do século I. não anterior, todavia, aos seus meados<sup>28</sup>.

> Armando Redentor RICARDO TEIXEIRA HELENA MARCAL

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> AE 1985, 575. AE = L'Année Epigraphique, Paris, Presses Universitaires de France.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> HEp 7, 1079. HEp = Hispania Epigraphica, Madrid, Universidad Complutense de Madrid.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> ILER 2343. ILER = José Vives, Inscripciones latinas de la España Romana. Antologia de 6.800 textos, Barcelona, Universidad [etc.], 1971-1972, 2 vols. <sup>24</sup> ILER 2331.

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> ILER 2332, HAE 895 e 928. HAE = Hispania Antiqua Epigraphica. Suplemento anual de Archivo Español de Arqueologia, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> ILER 2347, HEp 5, 906 e José María Bragado Toranzo, Fuentes literárias v epigráficas de la província de Zamora v su relación con las vias romanas de la cuenca del Duero, León: Universidad, 1991 [Tesis Doctoral], p. 313, n.º 217.

Semelhando a estrutura das estelas de legionários de Asturica Augusta da primeira centúria (u. g. CIL II 50760= 5662 = ERPL 214; ILER 6355 = ERPL 210; ERPLe 144), mas com despojamento iconográfico. ERPL = Manuel Abilio RABANAL ALONSO e Sonia María GARCÍA MARTÍNEZ, Epigrafía romana de la provincia de León: revisión y actualización, León, Universidad, 2001.

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> REDENTOR, op. cit., p. 211. Ainda que se venha assumindo que o uso epigráfico do termo monumentum associado às inscrições funerárias se generalize na Hispânia a partir de meados do século II – cf. José Manuel IGLESIAS e Alicia Ruiz, Epigrafía romana de Cantábria, Bordeaux e Santander, Ausonius e Universidad de Cantábria, 1998 (Petrae Hispaniarum; 2]), p. 73 –, o certo é que há conhecimento de uma utilização bastante precoce, conforme, por exemplo, claramente ilustra a epigrafia emeritense: u. g. CIL II 528, datável de finais do século I a. C. ou nos inícios do seguinte - cf. Jonathan Edmondson, Granite Funerary Stelae from Augusta Emerita, Mérida, Ministério de Cultura, 2006 (Monografías Emeritenses; 9), pp. 205-207.



1. Estela funerária de Cloutius Doci (© Armando Redentor).



2. Registo de contexto estratigráfico (UE 134) relacionado com a estela  $(\hbox{$\mathbb{O}$ Arqueologia e Património, Lda}).$